

De Que Tipo é a Linguagem Bíblica?

Norman K. Bakken

1. O SER HUMANO: CRIAÇÃO E CRIADOR DE LINGUAGEM

Num sentido, o ser humano é criação e criador de linguagem. Linguagem produz imagens. Imagens refletem a transferência dinâmica de poder, o poder de imaginar, criar, sustentar, comunicar, inspirar e vitalizar coisas inertes, inúteis, ou, simplesmente, coisas que não existiram antes.

Nós somos produtos de linguagem.
No início houve a linguagem.
A linguagem é a fonte da nossa existência.
Linguagem criativa fez o que nós somos.
Nós somos produtos da imaginação criativa,

reflexões, do poder de comunicar,
imagens da imaginação primordial.
A criação do ser humano aconteceu e acontece
através do ato de falar.

“Disse... e assim se fez”. Dizer é fazer. Ele que disse, “Eu serei que eu serei”, ou “Eu sou que eu sou”, ou ego eimi disse e nós somos, produtos da linguagem criativa, uma parte da existência constitutiva. O poder de imaginar dá forma à realidade. Nossa existência depende da linguagem e do poder desta linguagem de continuar dentro de nós. Nós somos imagens capazes de transferir, criar, sustentar e vitalizar as coisas inertes e as coisas que ainda não existem na nossa terra. Dize e assim será feito. Nós temos que falar. Nós temos que praticar o que Jorge Luis Borges chama “a divina magia da arte” (1).

O ser humano é a mais desenvolvida criatura na terra. Nosso desenvolvimento existe e depende da expressão da palavra. Sem a

(1) Citado por Francisco de Araújo Santos no jornal **Zero Hora**, 11 de agosto, 1984, p. 3, da parte “Cultura, Literatura”. Referências são as **Obras Completas de Borges**, editadas em 1974.

continuação da imaginação criativa não existe desenvolvimento. Por isso, o tesouro do ser humano existe onde quer que a palavra, fiel e criativa, continua com poder de imaginar e com vontade de levar vida verdadeira.

Podemos viver criativamente através de e como extensão da palavra. A flecha que aponta como um guia ao futuro criativo foi lançada muitos anos atrás através de homens e mulheres que ouviam a palavra primordial, a palavra que nós podemos ainda ouvir, e que eles tentaram refletir como testemunho nas páginas da Bíblia. A Bíblia é um tesouro da linguagem essencial para compreender sentidos da palavra criativa, donde vem e, em parte, para onde vai. A Bíblia é um tesouro da imaginação produtiva dos homens e mulheres que se conheceram como aqueles que foram criados na imagem de Deus. Nós somos, com eles, produzidos pela imaginação, por aquele que está além da imaginação. Por isso, a imaginação humana é uma verdadeira mina dos tesouros ainda a serem descobertos. Diz N. Scott Momaday,

“... Nós somos aquilo que nós nos imaginamos...
nossa própria existência consiste na imaginação de
nós mesmos. Nosso melhor destino é imaginar quem,
que espécie e o quê somos. A maior tragédia que pode cair
sobre nós é ficarmos inimaginados” (2).

Nós somos, de acordo com o testemunho Bíblico, como nós somos, mediadores de possibilidades para hoje e para o futuro, canais para a obra maravilhosa de nosso criador.

2. A BÍBLIA, COMO UMA PARTE DA CRIAÇÃO, DO CRIADOR.

A Bíblia, também, é uma parte da criação, cheia de palavras, frases, ditos, histórias, contos, relatos, provérbios, canções, hinos, parábolas, narrativas, paradigmas, narrativas paradigmáticas, sentidos claros e sentidos escondidos. A Bíblia é um produto multifacetado no que diz respeito às formas e no que diz respeito aos conteúdos, uma verdadeira mina de ouro.

A Bíblia é como um violão, bem feito, uma obra de arte em si, fino, mas bem complicado também. Que tipo de instrumento temos? Como vamos usá-lo? Como entender e aprofundar-nos no uso deste instrumento? Que tipo de linguagem é a linguagem Bíblica?

(2) N. Scott Momaday, citado numa preleção em Los Angeles, Califórnia, 1972.

Nós queremos tocar este instrumento. Nós queremos ouvir a sua voz. Nós queremos entrar no seu fluxo, no seu movimento. Nós queremos participar no seu ritmo, ouvir a música que foi ouvida quando ainda não houve uma Bíblia.

3. LINGUAGEM DESCRITIVA, ESPECIFICATIVA.

Certamente existe dentro das escrituras a possibilidade de descobrir uma linguagem bem especificativa e descritiva, alinhada a fatos científicos. Quando nós lemos as escrituras, por exemplo, podemos descobrir muitas coisas fatuais e bem interessantes. Podemos concluir que houve realmente um povo chamado Israel, que este povo adorou, com maior ou menor fidelidade, um Deus que eles não quiseram chamar por um nome, porque ele está acima de qualquer nome. Podemos conhecer algumas letras deste nome (sem nome), sinais duma tentativa de chamá-lo: , Javé. As tradições desse povo nós podemos conhecer, em parte, e, no centro destas tradições, a afirmação que nos tempos antigos existiu só uma multidão, sem distinção, sem nome, sem fama, mas que aquela multidão foi liberada da escravidão e, eventualmente recebeu uma terra, simples mas adequada. Uma lei que o povo, pouco a pouco, desenvolveu, foi aceita como o conselho do seu Deus, uma lei cheia de mandamentos e promessas que nós podemos reconhecer como uma parte do processo ou evento histórico de Israel.

O fato que Jesus de Nazaré nasceu, viveu humildemente, mas de modo impressionante, que ele foi crucificado, morreu, e que depois apareceram comunidades que confessaram Jesus como senhor, salvador, e unido com Deus. Mais, nós reconhecemos hoje em dia a possibilidade de reconstituir palavras e frases quase exatas – *ipsissima vox* se não *ipsissima verba* – de Jesus. Este tipo de fato é claramente aceito como uma parte de linguagem descritiva. O sentido deste tipo de linguagem pode ser bem literal – univalente, monovalente. Não é possível pensarmos ou vivermos sem o uso e a necessidade deste tipo de expressão. Vida prática, do dia a dia, é dificilmente ou impossivelmente sustentada sem palavras especificativas, univalentes. E algumas palavras deste tipo existem dentro da Bíblia com frequência. Para entender a Bíblia estas palavras, descritivas e fatuais, precisam ser conhecidas e aceitas. Não é possível tocar o violão sem conhecimento de cada parte deste instrumento sofisticado.

Por mais do que cento e trinta anos os estudos bíblicos têm pesquisado esta linguagem mais especificativa nas culturas antigas.

Numa época em que as ciências se desenvolviam rapidamente – e quando todo mundo desejava fatos, claros e simples, para ficar a par das mudanças de metodologia, conhecimento, experiência e prática – os estudos teológicos também se ocuparam com pesquisa para, enfim, acumular fatos, informações básicas para entender os sentidos mais literais e mais centrais da vida histórica, das atividades e realidades dos séculos quando as escrituras foram compostas. A intenção era não só ter os fatos por si, mas evitar interpretações e formulações de idéias supostamente fundadas no testemunho da Bíblia, mas que, totalmente ou em parte, nada têm a ver com os sentidos mais claramente pretendidos pelos autores. Por isso, estudos histórico-críticos, cientificamente desenvolvidos, representavam tentativas, sinceras e dedicadas, de aproximar o contexto, a realidade, e as condições existentes nos tempos bíblicos. Uma parte destes estudos tentava reconstruir um conhecimento de Jesus de Nazaré, o fundador da fé cristã. Nós festejamos cada ponto que é restabelecido e novamente apreciado. Obras como aquelas produzidas por Joachim Jeremias e Norman Perrin, por exemplo, têm valor inestimável.

Neste processo estudiosos de cada país necessariamente têm de utilizar uma linguagem científica, de sentido claro, exato e inequívoco. Através desses estudos existe, hoje em dia, um conhecimento sem paralelos. Do primeiro século até agora não existiu uma geração melhor informada do que a nossa sobre as realidades dentro e em torno das escrituras. Temos métodos de comparação lingüística, filosófica, religiosa e de fatores sócio-econômicos. Temos medidas para avaliar e aprofundar situações históricas, para conhecer métodos usados para escrever documentos, para conhecer as fontes, usadas pelos autores dos documentos no processo de composição; e nós reconhecemos variações não somente da forma mas, também, do conteúdo dos escritos que trouxeram as perspectivas da fé nos anos antigos. Através desses estudos nós apreciamos muito, muito mais, o caráter, as riquezas, as variações e as intenções deste depósito do testemunho da fé. Estudos histórico-críticos são de muito valor para uma compreensão de nossa identidade e raízes numa época científica. Nossa busca por condições, fatores, e movimentos que contribuíram para a nossa situação presentes e para a nossa auto-compreensão, recebe auxílio.

Não obstante, a linguagem dos estudos científicos está severamente restringida. Existe uma limitação, intencionalmente feita, uma limitação de sentido ao que pode ser observado, medido e provado. Nesta linguagem, nesta investigação, o mundo é medido

pelo homem. Em realidade, este tipo de linguagem é uma forma de subjetivismo intencionalmente adotado. O mundo e cada coisa que aconteceu nele é visto como um objeto a ser descrito. Compreender é conhecer causas e efeitos dum ponto de vista neutral. Certeza existe somente dentro de ou com base em coisas provadas. A verdade dentro deste tipo da linguagem é como alguma coisa vista – **orthotes** (3).

4. LINGUAGEM CONCEITUAL, RACIONAL E LÓGICA.

Antes e durante os tempos dos estudos científicos existia, também, uma tendência, muito comum, de usar uma linguagem conceituai, racional, intelectual, sistematicamente lógica e completa em si mesma. Esta linguagem, a linguagem da filosofia, é bem respeitável e, dentro das categorias conceituais, bem razoável. Esta maneira de entender insiste em ter domínio conceptual sobre o objeto, o assunto, a matéria a ser investigada ou explicada. Com efeito, por isso, Deus e seu povo são feitos à imagem dos sábios. Esta linguagem é muito persuasiva num tempo supostamente governado pela mente e subjugado aos que são bem sofisticados e não facilmente desencaminhados. Estudos histórico-críticos puderam corrigir esta tendência ou tentação. Mas é claro que a linguagem Bíblica é, quase sempre, contra toda forma de idolatria, incluindo a idolatria das idéias ou conceitos abstratos ou estáticos. Elie Wiesel, no seu livro **Legends of Our Time**, anota uma observação duma pessoa muito velha e desapontada pelas respostas supostamente capazes de dar soluções aos problemas e mistérios da vida e escreve:

“Quando você compreenderá que uma resposta bonita não é nada? Nada mais do que ilusão? Nós nos definimos por meio do que nos perturba e não por meio do que nos reassegura. Quando compreenderá que você está

(3) Cf. Tannehill, Robert C. **The Sword of His Mouth**. Philadelphia Fortress Press, 1975, p.6. Diz ele, “A orientação predominante dos estudos Bíblicos para a busca de informação histórica parece-me envolver uma limitação infeliz da tarefa do estudioso. Há textos que têm a intenção básica de trazer informação, mas esta não é a característica dos textos do evangelho, especialmente não dos ditos sinóticos”. É de auxílio, diz ele, “distinguir entre o uso dum texto como uma fonte de informação e a interpretação do texto. A gente pode interpretar um texto a propriadamente somente se ele inclui reconhecimento da intenção encerrada dentro do texto. O interpretador tem que permitir ao texto falar à sua própria maneira...”.

vivendo e buscando no erro, porque Deus significa movimento e não explicação?" (4)

John Dominic Crossan põe a questão noutra forma:

"Não haja uma idolatria de formas e imagens feitas por mentes, exatamente como, facilmente há a idolatria de formas e imagens feitas pelas mãos?"(5)

Estudos podem demonstrar o fato predominante na linguagem Bíblica: o que foi dito é, quase sempre, o que foi feito, o que aconteceu. A palavra e a ação estiveram sempre ligadas. Movimento caracteriza esta língua, movimento contra idéias estáticas ou fixas, movimento que continua no presente, em nosso tempo e para dentro do futuro.

Os anos mais recentes viram pesquisas novas e intensivas sobre a questão, de que tipo é a linguagem bíblica? O que existe dentro desta linguagem que é mais do que meramente descrições científicas ou compreensíveis através do alcance intelectual, fatural ou mensurável? Que sentidos existem lá que nós não podemos ver somente através dos óculos da metodologia ou do raciocínio? Como chegar aos sentidos profundos, os que construíram e constroem as perspectivas novas, visões originais, fé contagiosa, espontânea, livre e cheia de possibilidades abertas? A Bíblia é como um violão. Para tocar o violão nós devemos ter notas, composições e harmonias unificadas dentro dum esquema claro para cada participante. A música utiliza estas técnicas de facilitar o som, mas o gênio consiste em mais.

Uma vida limitada e formulada somente de fatos, aparências, números e coisas mensuráveis é uma vida muito estreita, limitada e bem seca. Realidade objetiva é o ato de imaginação. "Nós somos nossas imaginações", diz Carl Ridd (6). Para ele, perceber a realidade do mundo objetivamente ou distanciadamente é impossível. Podemos imaginar vida sem imaginação? Que tipo de mundo teríamos sem flores, flores que não têm valor mensurável? A flor tem

(4) WIESEL, Elie. *Legends of Our Time*. New York, Avon Books, 1968, p.126.

(5) CROSSAN, John Dominic. *Raid on the Articulate: Comic Eschatology in Jesus and Borges*. New York, Harper & Row, 1976, p. 47. Cf. Paul Ricoeur: *Cogito* é vão, invencível,... consciência falsa. Uma filosofia de reflexão é o oposto deste. O sujeito da reflexão tem que perder-se para encontrar-se. RICOEUR, Paul. *The Philosophy of Paul Ricoeur, An Antmology of His Work*. Boston, Beacon Press, 1978, p.101.

(6) RIDD, Carl. "Imagination," um capítulo no livro *Echoes of the Wordless "Word"* (ed. por Daniel C. Noel). Missoula, Montana, American Academy of Religion, 1973, pp. 139-165.

somente duas qualidades consistentes que têm valor: sua beleza inestimável, e seu aroma extraordinário. Sua lindeza é incompreensível, indescritível. Uma flor é como poesia: os efeitos dela, seu poder e impacto, sutil e incrível, nos possuem e nos assombam.

5. LINGUAGEM MULTIVALENTE, FECUNDA, PROLÍFICA, POÉTICA.

Existem sentidos que não podem ser expressados por meio de palavras de sentido literal. As palavras das escrituras têm sentido como poesia, como obras de arte, como da flor. Estes sentidos são expressos por meio de palavras que têm sentidos literais mas, no mesmo tempo, mais, muito mais sentidos sem limites. Paul Ricoeur disse,

“Acho que a diferença maior entre a linguagem lógica e técnica e desta linguagem (da fé, da poesia, dos símbolos) é que a linguagem lógica ou técnica significa precisamente o que nós decidimos e escolhemos. A tarefa fundamental da lógica é assim lutar contra a falta de clareza, lutar contra duplos sentidos, duma maneira que aperfeiçoa uma linguagem que é perfeitamente clara e univocal. Um sentido claro é pressuposto por qualquer argumentação. É necessário que o sentido fique idêntico durante todo o tempo em que ele for usado numa argumentação. Consequentemente, a coerência dum argumento depende da unidade de sentido. Nós, por outro lado, de acordo com a linguagem simbólica, encaramos uma linguagem que diz mais do que diz, que diz alguma coisa além do que diz, e que, consequentemente, me capta porque esta linguagem, no seu sentido, criou sentidos novos. Aqui as palavras que eu uso têm força semântica que é, realmente, inexaurível. Noutras palavras, um significado univocal é um significado dum só foco de sentido até que este se torna o único sentido de alguma coisa. Na linguagem simbólica eu me descubro face a significados ou significações multivocais nas quais um sentido conduz a outro sentido: a palavra ‘alegoria’, em sua origem, não teve outro sentido” (7).

(7) RICOEUR, Paul. *Philosophy...*, op. cit, do capítulo “The Language of Faith”, p. 233.

Sobretudo, a linguagem da Bíblia é uma linguagem fecunda, prolífica, polivalente. Nós vemos dentro desta linguagem uma capacidade de produzir mais do que o próprio autor pôde dizer, mais do que ele pôde compreender ou imaginar. Por isso, a linguagem Bíblica, a linguagem de fé, faz muito mais do que meramente descrever ou reportar. A linguagem Bíblica continua a reproduzir, sugerir, ampliar, abrir vistas novas e instalar dentro dos ouvintes uma capacidade de participar nas atividades desta palavra. Os ouvintes encontram-se implantados dentro de uma corrente, de um fluxo poderoso, de um poder que traz consigo mesmo uma criatividade igualmente potente, um poder como poesia, uma habilidade para revelar e contar mais do que é dito, para visualizar “o que nem olhos viram nem ouvidos ouviram”. Sobre este assunto Ricoeur diz, “... o ser humano é sempre sustentado pelo seu núcleo mítico-poético; ele é sempre criado e recriado por uma palavra geradora. Minha confissão a mim mesmo é que o ser humano é instituído pela palavra, que quer dizer, pela linguagem que é falada menos pelo homem do que para o homem” (8).

Como podemos dizer isto? Como podemos dizer que a linguagem Bíblica é, sobretudo, uma linguagem poética, polivalente, fecunda, prolífica, sem limites de sentidos, e mais? Por causa da natureza da fonte dela.

O assunto da Bíblia não é alguma coisa, em si, isolada, um objeto a ser estudado, cercado e dominado. O assunto da Bíblia não consiste nas idéias, simples ou profundas, em si mesmas, capazes de dar vida, sustentação, numa maneira de fazer sucesso no dia-a-dia ou para ganhar acesso a um futuro seguro. O assunto da Bíblia não consiste numa reconstrução da história que dá uma gnose misteriosa e bem limitada às poucas pessoas que são privilegiadas pelos segredos, formulações por meio das quais a gente pode escapar-se deste mundo baixo para chegar aos mundos ou céus de fora desta realidade aqui na terra comum a terra material e inferior. A Bíblia não tem uma descrição de Deus como ele aparece em si mesmo, um retrato feito pela mão ou por meio de conceitos, imagens da mente humana. O assunto da Bíblia vive, mora, e continua sempre fora ou ao lado das escrituras em si. As escrituras são, realmente, produtos dos seres humanos, vivos e ligados às comunidades temporais que se esforçam para trazer à expressão sua fé inexpressável. A linguagem de símbolos oferece “... um inquérito transcendental para dentro da imaginação de esperança”, diz Ricoeur – símbolos de regeneração – imaginação produtiva.

(8) *Op cit.*, p. 237.

Evite, ele continua, a “totalização falsa”. O texto aponta para fora (9).

As escrituras são, em si, tentativas de descobrir uma maneira de falar, de expressar, de formular ou dizer a palavra que veio sempre e de novo de fora. A Bíblia foi direcionada sempre e de novo às situações concretas, às atividades históricas, problemas correntes; às dificuldades atuais. Mas a Bíblia leva uma palavra impossível de confinar ou restringir às suas páginas, palavras ou letras que os autores tentaram esculpir numa forma aceitável, a impressão que eles querem preservar para os seus contemporâneos e para as gerações do futuro. A Bíblia, do início ao fim, tem uma natureza de testemunho oral. O testemunho do que foi visto foi transformado, necessariamente, em testemunho do que foi ouvido porque a palavra, em si, esteve sempre escondida dentro das manifestações, escondida mas ouvida como uma mensagem do Senhor. Fé vem através do ouvir. A visão tem que ser transposta em audição. O que nós lemos tem que ser transposto para o ouvido.

6. A FONTE DO TESTEMUNHO BÍBLICO.

O testemunho da Bíblia é, sempre, relacionado às coisas que aconteceram, aos eventos reais, às coisas vistas e às palavras ouvidas, mas consistentemente o testemunho básico é direcionado por e para o que é mais. O testemunho existe para trazer ou dar um sentido ou sentidos, que são mais do que é óbvio, às sensações dos olhos ou aos sons dos ouvidos. O testemunho existe porque nem todos os que viram e nem todos os que ouviram tiveram condições de ter a mesma impressão, nem concordam sobre o sentido do evento. O testemunho é, sempre, dependente duma verdade que existe fora ou acima do evento. O testemunho depende, sempre, duma autoridade que fica fora do texto, em si, ou do autor em si, aquele que incluiu ou deu expressão a sua convicção firme e certa. O testemunho tem, sempre, como seu assunto, o sujeito da ação, o próprio Deus — a pessoa que fala; o próprio Cristo — a pessoa que vive, que está presente; ou o próprio Espírito, sem o qual nós não entendemos nada. Em outras palavras, a fonte da Bíblia, a fonte do testemunho, é totalmente outro, o absoluto, o que absolutamente não pode ser encaixado ou encerrado dentro duma imagem, letra, palavra ou, jamais, dentro dum livro sagrado. A Bíblia, como testemunho, quando é o mais fiel, nega

(9) op. cit., p. 233.

rigorosamente apontar para si mesma como fonte da vida ou verdade. Como verdadeiro testemunho, ela aponta sempre para fora ou a frente de si mesma, ao que está acima de tudo, poder absoluto, autoridade última, viva, e final (10). E, se esta é a verdade, se verdade existe sempre em relação e dependente daquele que fala, que age; se nosso conhecimento e compreensão existe sempre em dependência daquele que é totalmente e absolutamente independente, é óbvio que a Bíblia, como testemunho perante ele, este Deus, poderoso, vivo, relacionado às atividades reais e presentes, não é a última fonte, a última autoridade, a última verdade em si mesma, mas a Bíblia, como a linguagem da fé, aponta sempre como testemunho de sua dependência da vontade de Deus aparecer de novo, de revelar-se de novo, de dar compreensão de novo às palavras que seu povo anunciou nos tempos antigos. Como Norman Brown diz, "É necessário mudar da história para o mistério" (11).

Por isso, num sentido, a Bíblia é como um violão. A Bíblia é um instrumento através do qual nós podemos ouvir as notas dos céus, o coral dos anjos, a música da salvação, do evangelho, o canto feito especialmente para nós. Mas a Bíblia, em si, não é a música, não é, em si mesma, o evangelho; não é o conto da nossa salvação, isolada, separada, independente, em si mesma. A Bíblia existe como um produto daqueles que quiseram transmitir a mensagem que eles ouviram, que quiseram comunicar a fé que tem nosso Senhor como autor e ator principal, que quiseram criar um instrumento fino, delicado, sensível, lá para o uso e apreciação daqueles que querem responder a este testemunho, que querem aprofundar os sentidos, que se impressionaram com as comunidades que viveram a fé antigamente, e com os que foram compositores das sinfonias clássicas, que nós conhecemos de lá e que nós honramos como expressões do evangelho, normativas e quase indispensáveis como critérios, protótipos e medidas da fé Cristã. Mas a música própria, o som primordial, a palavra original e vivificante vem de fora, de Deus através de seu povo, por meio de Cristo presente neles, no poder do Espírito que faz sua obra fascinante, hoje como antigamente, em cada um que quer ouvir e entender o evangelho. Para apreciar a Bíblia como um instrumento da fé nós precisamos conhecer todas as suas partes e peculiaridades para tocá-la. Nós temos que conhecer a técnica — como fazer música com este instrumento maravilhoso. Nós precisamos de artistas, bem informados, bem

(10) Cf. RICOEUR, Paul, *Essays on Biblical Interpretation*. Philadelphia, Fortress Press, 1980, pp. 147s.

(11) BROWN, J. *Closing Time*. New York, Vintage Books, 1973, p. 103.

experimentados e versados, a tocar este instrumento amado e precioso. E nós temos que ouvir atentamente e nós temos que responder com nossa própria palavra, uma palavra implantada, encarnada de novo nesta geração, dentro de nós, numa audiência habilitada a ser mais um novo instrumento, uma parte da orquestra, como o violão que leva consigo a música criativa, um testemunho ao compositor que vive ainda em e através dos seus discípulos, os que ouvem e guardam com gratidão e alegria estas notas jubilosas do canto eterno.

A palavra de Deus não é limitada – em forma, em sistemas, em livros ou escritos fixos, em expressões solidificadas, ou em frases ou parágrafos estabelecidos permanentemente. A palavra não é descritiva ou fixa, simplesmente porque o próprio Deus está totalmente além da descrição. Falar a palavra de Deus é aproximar-se de sua voz. A palavra de Deus nunca se estaciona num lugar só, num tempo só, duma maneira só. Para entender esta palavra nós também precisamos caminhar, mudar, ajustar e esperar por notas novas, notas criadas para nossa nova situação.

7. DE QUE TIPO É A LINGUAGEM BÍBLICA?

A linguagem bíblica é uma linguagem fecunda, prolífera, criativa, potente. Como a linguagem de fé, esta linguagem é investidora, com capacidade artística, poética. A linguagem bíblica é metafórica. Diz Jorge Luis Borges,

A metáfora cria “objetos verbais puros e independentes como um cristal ou como anel de prata”. A verdadeira metáfora é um tesouro. Mas o tesouro da vida também é uma metáfora? Qual é a realidade fundamental? E como nos movemos para essas realidades, esses valores? Ou melhor, como podemos comunicar esses processos, esse esforço pelo atingimento impossível? Poderá ser através de algo diferente da metáfora? (12)

A interpretação desta língua é, sempre, essencial e condicional. Essencial porque os sentidos são polivalentes, múltiplos, sem limites. É condicional porque a interpretação necessariamente e sem exceções depende dum pressuposto: a voz ou a palavra que fala existe dentro de ou por meio da interpretação, duma pessoa que

(12) BORGES, op. cit. cf. nota nº 1.

tem poder, força, vontade de criar, de entrar, de livrar. Josiah Royce disse, "Percepção apreende coisas; conceituação compreende princípios; interpretação abre o centro dum ser humano ao outro"(13).

O que foi dito, porisso, nunca inclui tudo que foi intencionado. O que está dito sempre exige mais uma continuação do falar. Não existem explicações. Existe direções. Não existem descrições. Existem expectativas. E as expectativas são sempre mais do que nós podemos imaginar ou aprofundar frente ao tempo. Quando nós chegamos, nós ainda estamos no caminho.

É necessário mudar da história para o mistério.

É necessário mudar da linguagem descritiva para a linguagem metafórica.

É necessário mudar da linguagem racional e lógica para a linguagem poética.

É necessário mudar duma linguagem escrita para a linguagem ouvida.

É necessário mudar da letra para o espírito.

É necessário mudar do que foi dito para o que é dito.

É necessário mudar do que é escrito ou dito para o que ainda será dito.

Crer é estar atento.

Estar atento é silenciar.No silêncio nós esperamos, prontos a ouvir e agir.

Linguagem de qualquer tipo aponta a alguma coisa mais. "Não é possível", diz Paul Ricoeur, "para a linguagem repudiar sua intenção básica de ser um sinal – o que quer dizer, dar espaço, para transcender e suprimir-se..."(14)

Linguagem, de qualquer tipo, aponta ao início, aos tempos do grande silêncio, para apontar ao futuro, ao que está sempre a nossa frente, ao que nos fala. E agora, a palavra primordial e criativa está pronta para falar de novo.

Nós somos imaginados de novo, criados e, por isso, criadores neste mundo. Quando nós esperamos atentamente nós vamos

(13) ROYCE, Josiah. **The Problem of Christianity**. New York, 1913, p. 127. Cf. RICOEUR. **Philosophy ...**, op. cit., p. 45: "Tem que compreender para crer, tem que crer para compreender". Cf. também MICHAELSON, Carl **The Rationality of Faith**, New York, Scribner's, 1963, p. 73: "Ciência copia. Arte cria. História interpreta".

(14) RICOEUR. **Philosophy ...**, op. cit., p. 101. Cf. HEIDEGGER, Martin. **Poetry, Language, and Thought**. New York, Harper Row, 1971, p. 11: "O que é falado nunca, e em nenhuma língua, é o que é dito".

ouvir e, com o violão na mão nós podemos começar a tocar simpaticamente os sons criativos. Notas novas serão ouvidas em nosso tempo e para nosso tempo, pelo povo que espera, em silêncio, pela música nova, pelo acompanhamento essencial no caminho para dentro do futuro, um futuro aberto, cheio de possibilidades, possibilidades sem limites, produzidas pela imaginação que vai além da possibilidade de imaginar.